

ENTRAVES E ENCANTOS NA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jozilene Gonçalves dos Santos Souza
Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: Jozi159357x@gmail.com).

Kátia Daniele Soares Ferreira
Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: Katiadaniele04@gmail.com).

Mariane Arruda dos Santos
Acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (e-mail: marisantos2801@hotmail.com)

Aderineide Ferreira Honorato
Orientador(a) do curso de Pedagogia da Faculdade Almeida Rodrigues (aderineide@gmail.com).

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar os entraves e encantamentos da contação de história para crianças da Educação infantil, refletindo sobre sua importância e necessidade de professores capacitados para esta ação pedagógica. Para tanto, a metodologia desse artigo foi pautada em uma abordagem qualitativa e realizada por meio de pesquisas bibliográficas e documentais, onde será discutido dialeticamente esse estudo. No propor a reflexão sobre o assunto, a pesquisa mostra que existem como transtornos vivenciados pelos professores como formação deficitária ou inadequada, escassez de recursos pedagógicos que impacta negativamente no dia a dia dos professores e a pouca articulação entre escola e família, resultando no não envolvimento familiar na vida estudantil das crianças. Compreende-se que na educação infantil um docente capacitado saberá enriquecer o trabalho com a literatura, contribuindo para o ensino de habilidade e competências necessárias nos educandos de forma eficaz, distinguindo com clareza que existe uma larga diferença entre contar uma história e ler uma história para crianças.

Palavras-chave: Formação adequada. Múltiplas linguagens. Literatura infantil.

THE ENTRAVES AND CHARMS IN HISTORY TELLING FOR CHILDREN IN CHILDHOOD EDUCATION

ABSTRACT

The present study aims to analyze the obstacles and enchantments of storytelling for children in early childhood education, reflecting on its importance and the need for trained teachers for this pedagogical action. Therefore, the methodology of this article was based on a qualitative approach and carried out through bibliographic and documentary research, where this study will be discussed dialectically. In proposing a

reflection on the subject, the research shows that there are disorders experienced by teachers such as deficient or inadequate training, a shortage of pedagogical resources that negatively impacts teachers' daily lives and little articulation between school and family, resulting in non-involvement in the student life of children. It is understood that in early childhood education a trained teacher will know how to enrich the work with literature, contributing to the teaching of skills and competences needed in students effectively, clearly distinguishing that there is a wide difference between telling a story and reading a story for children.

Keywords: Adequate formation. Multiple languages. Children's literature.

1 INTRODUÇÃO

A contação de histórias é uma prática essencial para o desenvolvimento e aprendizagem da criança, que desde pequena sente a necessidade de vivenciar seus sonhos, suas fantasias e seus encantos por meio da arte. É na infância que se constroem as primeiras experiências de vida que subsidiarão a formação do caráter, da personalidade e da consciência. Nesse sentido, a criança deve ser inserida em uma cultura que estimule o pensar, o sentir, o expressar e o experienciar, fatores que são componentes da contação de histórias e que despertam a sensibilidade, a emoção e o autoconhecimento, na mesma medida em que a ensina, instrui e a prepara para a vida

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), propõe por meio do Campo Experiência, “Escuta, fala, pensamento e imaginação” destinado a Educação Infantil, a criança experimente a imersão na cultura na literatura. Assim, quando o educador expõe e media os textos para as crianças, contribuem para o desenvolvimento do hábito pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo. Bem como, o interagir com histórias, contos, fábulas, poemas, cordéis, e outros tipos de textos, propiciando a familiaridade com livros, com diferentes gêneros literários, a diferenciação entre ilustrações e escrita, a aprendizagem da direção da escrita e as formas corretas de manipulação de livros (BNCC, 2017).

Escuta, fala, pensamento e imaginação – Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas

quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social (BNCC, 2017, p. 42).

Quando as crianças da educação infantil, recebem o devido e necessário atendimento, o professor pode contar com uma gama de recursos lúdico-pedagógicos em sua atuação como contador de história, dispondo da criatividade e diversidade pedagógica como: caracterizações com fantasias, acessórios, pinturas pelo corpo, trejeitos dos personagens ou com uso de fantoches, dedoche, palitoche, flanelógrafo, avental ou roupão dos mais variados tipos onde as gravuras são fixadas com velcro), livros em papel, imagens, fotografias, livros-brinquedos e instrumentos musicais (BREDAN, 2013).

Nesse sentido, pode-se salientar algumas orientações básicas durante o ato do professor contador de histórias: entonação de voz cativante; movimento corporal; materiais de apoio; uso de onomatopeias; provocação de ruídos em momento de suspense; olhar comunicativo; expressões faciais (medo, alegria, indignação, tristeza, raiva, malícia); imitação; repetição de frases marcantes; criatividade quando o momento exigir improvisação; espaço para participação da plateia (pequenas interferências); cantigas pequenas condizentes com a história e interposição entre o som e silêncio, evitando vícios no vocabulário (cacoetes). Tudo feito gradativamente, observando quais destes itens a história comporta (não necessariamente precisa usar todos juntos) de forma que dê sincronia, sem exageros (VALEJO, 2002).

Com vistas na contação de história, este estudo prima e traz para a reflexão e análise de educadores, professores e estudiosos em educação que, contar história possui seus entraves, não sendo um ato tão simples como tido por muitos, caso o professor não esteja preparado adequadamente ou não tenha consciência da importância que esta ação pedagógica tem no desenvolvimento de uma criança. Interesse pelo tema apões observar as dificuldades dos professores e a falta de materiais ofertados pela instituição de ensino para a contação de história.

Para tanto, a metodologia desse artigo foi pautada em uma abordagem qualitativa e realizada por meio de pesquisas bibliográficas e documentais, onde será discutido dialeticamente esse estudo, tendo como objetivo analisar os entraves e encantamentos da contação de história para crianças da Educação infantil, refletindo

sobre sua importância e necessidade de professores capacitados para esta ação pedagógica.

2 CONTAÇÃO DE HISTÓRIA PARA CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 A importância da contação de história

A contação de história surgiu antes mesmo da escrita, pois, no contexto da humanidade, o homem sentia a necessidade de repassar seus feitos, descobertas e dificuldades. Assim, inicialmente por meio de pinturas e da oralidade, fatos históricos que faziam parte do passado de cada povo foram registrados e contados. Conforme Busatto (2006, p. 20); “o conto de literatura oral se perpetuou na história através da voz dos contadores de história”.

As crianças de todos os povos ouvem relatos, causos e contos de acordo com a cultura do lugar onde vive, de forma intencional ou não, pelos mais velhos. Mas ter o contato físico com materiais de leitura ou com adultos leitores transferindo, já pode-se afirmar que são poucos. Para Abramovich (1997, p. 23) “quando a criança sabe ler é diferente sua relação com as histórias, porém, continua sentindo enorme prazer em ouvi-las”.

Assim, compreende-se que essa responsabilidade é passada para a escola, em estimular o contato da criança com a literatura através da contação de histórias para oportunizar a estas a interação significativa com textos no qual o objetivo, vai além da resolução de possíveis problemas cotidianos (BREDAN, 2013).

Segundo Regatieri (2008, p. 32),

No início do século XVIII, quando a criança começa a ser considerada não mais um adulto em miniatura, mas um ser com características e necessidades próprias, inicia-se o delinear da literatura infantil, que deveria separar as vivências das crianças das vivências do adulto e oferecer uma educação especial para a sua formação. A escola e a família assumem, então, o papel de mediadores entre o indivíduo e a leitura. Porém, há uma distinção quanto ao acesso à literatura: os grandes clássicos para a classe mais privilegiada; as histórias de cavalaria, de aventuras, as lendas e contos folclóricos para as camadas populares.

O principal benefício da inclusão dos temas no currículo é o encontro das crianças com a sua própria história. Índios e negros sempre aparecem na história oficial como seres a históricos. É importante para as crianças relacionarem e

identificarem os diferentes corpos da história brasileira, trazer para as crianças uma discussão sobre a história e cultura afro-brasileiras é fundamental para que elas percebam que não é só o vencedor que faz a história, que todo o povo tem sua história e que é preciso conhecê-la para entender o presente e pensar o futuro (BREDAN, 2013).

Regatieri (2008, p. 32) afirma que:

No Brasil, a literatura infantil teve início também com obras pedagógicas, predominando as tendências europeias, com representações bastante diferentes das vivências do leitor nacional. Monteiro Lobato inicia então uma produção para a infância focada nas raízes locais e no contemporâneo. Cria obras didáticas, de exploração do folclore e de pura imaginação. No Brasil dos anos 30, inventa um núcleo ativo de personagens infantis liderados pela boneca Emília. No Sítio do Pica-pau Amarelo vive também Dona Benta e Tia Nastácia, que “orientam” as crianças Narizinho e Pedrinho, além dos personagens Visconde de Sabugosa, Quindim e Rabicó. Além de suas criações, foi adaptador de contos de fadas e das obras de Peter Pan e Pinóquio. Sua inquietação intelectual e sua preocupação com as questões nacionais ficam expressas numa língua marcada pelo aproveitamento do dialeto brasileiro.

Sabe-se que a literatura infantil é de fundamental importância para a vida da criança, sendo que elas começam a desenvolverem a leitura e despertarem para rabiscos, traços e desenhos desde muito cedo. Conforme são estimuladas, e para que haja esse interesse pela leitura, o ambiente, tanto da escola, quanto da casa das crianças sua parcela de contribuição. Devem oferecerem com frequência, o acesso facilitado aos livros. Em casa, deve ser estimulado e promover-se momentos agradáveis de leitura em família (PEREIRA, 2007).

Pereira (2007, p. 2) afirma que:

A literatura infantil surgiu a partir do século XVII, quanto a reorganização do ensino e da fundação do sistema educacional burguês. A partir daí, foram criados e preparados livros especialmente para crianças, com intuito pedagógico, utilizados como instrumento de apoio ao ensino, cuja preparação levou em consideração os valores e as crenças da época, com o objetivo de estabelecer padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa que se estabelecia.

De acordo com Pereira (2007), no início do século XXII apareceu a literatura infantil, junto com a reorganização do sistema educacional burguês. No entanto, os livros direcionados para crianças só surgiram em meados do século XVIII, através de renomados autores como Charles Perrault, La Fontaine, que escreviam suas obras destacando sobretudo os contos de fadas. Os livros especialmente para crianças, foram criados para serem utilizados como métodos de apoio ao ensino, cujo preparo

levou em consideração os valores e crenças da época, com o objetivo de impor os padrões comportamentais exigidos pela sociedade burguesa.

Regatieri (2008) expõe que contar histórias vai muito além de ler histórias, pois para ler histórias necessita-se seguir as normas da língua portuguesa e concordâncias, que se distingue da língua falada. Para contar histórias utiliza-se de várias outras técnicas que permitem a ideia de uma figura ancestral, de uma memória preservada através da oralidade.

Mateus et al. (2004, p. 62) defendem que:

A palavra “fábula” vem do latim e significa falar. O gênero fábula apresenta características marcantes. Trata-se de pequenas narrações, em que os personagens protagonistas geralmente são animais que representam sentimentos e emoções humanas. Mesmo assemelhando-se às histórias infantis, as fábulas foram criadas inicialmente para serem contadas a adultos, com o objetivo de aconselhá-los e distraí-los.

Evidencia-se que a fábula expõe pequenas narrações, e que os personagens principais, na maioria das vezes, são animais que representam sentimentos ou emoções humanas, ou seja, são muito parecidas com histórias infantis, porém as fábulas foram criadas para serem expostas para adultos com o principal objetivo de: aconselhá-los e distraí-los (MATEUS et al, 2004).

Hoje, vemos que as dimensões que a literatura infantil atingiu se tornaram muito mais amplas. Abramovich nos diz que:

É através de uma história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser, outras regras, outra ética, outra ótica [...] É ficar sabendo história, filosofia, direito, política, sociologia, antropologia, etc. sem Seminário Gepráxis, Vitória da Conquista – Bahia – Brasil, v. 6, n. 6, p 3817-3828, 2017. 3820 precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Para Pereira (2007) a literatura infantil estimula situações nas quais as crianças podem interagir com seu processo de construção do conhecimento criando assim, a possibilidade do desenvolvimento e aprendizagem. O mundo da literatura não deve se restringir-se apenas como um recurso de alfabetização, mas também, como instrumento que permite a interpretação, análise e compreensão do que se lê.

2.2 Dificuldades encontradas na contação de histórias

No ambiente escolar a contação de histórias sempre foi um meio de aprender a atenção das crianças, com isso o contador de histórias está sempre aperfeiçoando e recriando a imagem do professor contador de histórias. A história é um de grande aliado no desenvolvimento pedagógico das crianças na educação infantil e ensino fundamental, pois sempre estimula a imaginação, a criatividade, a oralidade, e ainda incentiva o gosto para leitura (MATEUS et al., 2004).

A luz da importância do professor que media estes saberes na educação infantil, salienta-se que o profissional tem que ter clareza do seu papel. Formar é muito mais que passar/repassar conteúdos, treinar, adestrar o educando, é contribuir para a vida desses pequenos que foi entregue a uma instituição capacitada para isto, ajudando-os a compreenderem o mundo que faz parte. Com o intuito de escrever sua história, e se preciso, modificá-la, respeitando o espaço que vive, podendo transformar suas atitudes a todo o momento, bem como formá-lo uma pessoa melhor.

Como ensina Freire (1996, p.6), é necessária uma educação que valorize a humanização:

É nesse sentido que reinsisto que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas, e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e a utopia.

A educação humanizada valoriza as relações humanas, as emoções e as particularidades de cada aluno. Assim, em vez de a aprendizagem estar focada exclusivamente no bom desempenho acadêmico da turma, ela promove o acolhimento do estudante, de modo que ele se sinta seguro e confortável para aprender.

2.2.1 Falta de formação adequada de professores para a contação de histórias

As crianças são agitadas e é sempre desafiador manter sua atenção por muito tempo nas mesmas atividades. Com vistas em sanar essa dificuldade uma estratégia narrativa é sempre bem-vinda, pois prendem a atenção das crianças por um tempo maior, além de aproximá-las da literatura, que é de fundamental importância para o

aprimorar da leitura. É isso que o leva o professor a primeiro contar histórias depois realizar leituras (CUNHA, 2013).

Conforme Mateus et al. (2004), para expressar sentimentos, carências, brigas ou momentos especiais usa-se a história com uma estrutura fixa para contar seja escrita ou falada, partindo desse contexto se incrementamos com fadas bruxas ou plano de fantasias formamos os contos de fadas.

Ainda segundo Mateus et al. (2004), por volta dos quatro ou cinco anos começam a aparecer na criança os benefícios dos contos de fadas, é importante que isso continuem sendo estimulados com estórias que os pais gostavam quando eram crianças ou que tenham valor ou atração para as crianças.

Para lidar com este contexto, com sabedoria e conhecimentos indispensáveis, o professor precisa ter em mente qual é o seu papel, quais habilidades e competências são necessárias em sua formação e o que esperam de seus alunos.

Enfatiza-se que, antes de cobrar-se do professor uma prática eficaz, é necessário refletir sobre alguns indicadores de qualidade ou da falta desta. A formação deficitária é um transtorno vivenciado pelos professores e é apontada como um empecilho de atuação do professor, com eficiência. Porém, sabe-se que uma vez em exercício a rede de ensino deve oportunizar a formação para este professor, ou ao menos, estimular que ele busque sua formação continuada. Pois, entende-se que a falta de formação é um desafio aos professores.

E quando são oferecidas por secretarias estaduais e municipais de educação oferecem formação continuada aos profissionais, a quantidade de vagas oferecidas não atende a todos, ou encontram dificuldades para encaixarem os cursos com a carga horária das aulas e com os trabalhos extras que muitos precisam fazer para garantirem uma remuneração digna. Outra questão, são as temáticas abordadas nos cursos, que sequer dão conta das necessidades dos profissionais que atuam nas salas de aula (SISTEMA POSITIVO, 2018).

Na revisão de literatura observou-se ainda, a exclusão de professores recém formados, inexperientes que são contratados com mínimas condições de trabalho não pertencentes ao quadro docente permanente. Esses professores atuam como substitutos nas ausências e licenças de professores efetivos, sem vínculos com a instituição. E por não pertencem ao quadro efetivo de professores, não recebem capacitações, nem participam dos programas de formação continuada. Por conseguinte, não contam com algum tipo de apoio para exercerem a docência, mas

permanecem ensinando as crianças dias, semanas, meses em situações de atividades emergenciais, improvisadas e sem formação continuada (VALLEJO, 2002).

Conforme Rachid (2019) a escassez de recursos pedagógicos ocupa uma condição relevante no trabalho do professor, pois impacta negativamente no dia a dia dos professores que, em casos extremos, precisam pagar com seus próprios recursos por materiais e equipamentos que possam ajudá-los a ministrarem suas aulas. É comum que as salas de aula de colégios públicos não tenham recursos didáticos, equipamentos eletrônicos e livros paradidáticos. O professor acaba usando como recurso a sua voz e o livro didático para organizar todo o processo de ensino e aprendizagem. E se deseja inovar, tem que custear materiais pedagógicos ou levar recursos midiáticos de sua casa.

Como terceiro fator que acarreta dificuldades para o professor, é a pouca articulação entre escola e família, o não envolvimento familiar é uma das preocupações recorrentes que vêm sendo alvo de muitos debates entre professores e estudiosos da educação. Afinal, para que haja uma educação completa e bem-sucedida, é preciso que os pais façam parte dela participando, acompanhando de perto os processos de aprendizagem dos filhos, seja para incentivá-los, seja para apoiá-los a vencer as dificuldades encontradas (RACHID, 2019).

Para que fatos como estes se resolvam e deixem de atravancar o ensino, impedindo que as crianças tenham o contato com histórias que elevam seu conhecimento. Questões como essas precisam ser enfrentadas pelas políticas públicas adequadas e eficientes, não eximindo a atuação dos professores a contento no ato desta prática pedagógica. Para consolidação de uma educação de qualidade, e que não permaneçam somente na boa vontade do professor de fazer o seu possível. Enfatiza-se que a luta contra a precarização do trabalho docente exige um planejamento sério por parte dos governantes (REGATIERI, 2008).

2.3 Contador de histórias e encantos, um profissional em constante construção

O contador de história criativo é fundamental para o desenvolvimento de um trabalho de excelência, para isso o contador precisa gostar de ler para si e para um público. Primeiro para escolher uma história a ser contada, se faz necessárias algumas estratégias como escolher a metodologia e os critérios que irão auxiliá-lo

neste desafio, por seguinte, o contador poderá usar de normas técnicas e artísticas sem se transformar no autor (CUNHA, 2013).

A contação se torna mais atraente para as crianças por ter um foco maior na história, os envolvendo mais facilmente na trama, tornando as cenas mais reais e atrativas aos olhos infantis. Porém, é fundamental a apresentação do livro para as crianças após ou durante a contação, alternando a contação e a encenação da história despertando assim, o interesse para a buscar outras histórias (CUNHA, 2013).

Pereira (2007, p. 9) convida a reflexão de todo contexto escolar, não eximindo a escola de suas responsabilidades junto ao aluno nesta formação de diálogos, ele expõe que:

Acredita-se que é papel da escola auxiliar na formação de leitores por meio do diálogo com os diversos gêneros literários. Assim sendo, o papel da literatura nas séries iniciais do Ensino Fundamental, não se esgota na tarefa de proporcionar o prazer de ler. Na alfabetização, a relação entre aluno e texto é ainda mais importante, pois o texto literário torna-se mais uma revelação do que um elemento a ser decodificado, uma vez que conduz à autocompreensão e ao estabelecimento de ricas relações interpessoais, uma função que leva ao aluno a perceber a linguagem como algo concreto, importante e significativo.

Anda, ressalta-se que papel do professor é de extrema importância para despertar na criança o interesse pela leitura. Contudo para uma contação de história sair como esperando o primeiro passo e separar seu material de apoio além de utilizar as técnicas adequadas fazendo com que a arte da oralidade seja constituída em cena (REGATIERI, 2008).

Nesse sentido, pode-se salientar algumas orientações básicas durante o ato do professor contador de histórias: entonação de voz cativante; movimento corporal; materiais de apoio; uso de onomatopeias; provocação de ruídos em momento de suspense; olhar comunicativo; expressões faciais (medo, alegria, indignação, tristeza, raiva, malícia); imitação; repetição de frases marcantes; criatividade quando o momento exigir improvisação; espaço para participação da plateia (pequenas interferências); cantigas pequenas condizentes com a história e interposição entre o som e silêncio, evitando vícios no vocabulário (cacoetes). Tudo feito gradativamente, observando quais destes itens a história comporta (não necessariamente precisa usar todos juntos) de forma que dê sincronia, sem exageros (VALEJO, 2002).

De acordo com Sisto (2005 citado por CUNHA, 2013), o professor contador de histórias faz arte com a voz construindo um cenário mágico para o texto narrado, ele

se expressa pelo corpo, voz e expressões faciais. No início, as histórias eram contadas apenas oralmente, sejam histórias reais ou imaginárias com a evolução e aperfeiçoamento dos professores surge a contação de histórias.

Para Mateus et al. (2004), é por meio das histórias narradas que acontece a preservação da cultura, pois elas sempre acompanham a vida do homem em sociedade. O ato de narrar a história é uma arte tão antiga quanto o homem e durante muitos anos foi o único meio de transmissão e aquisição de conhecimento. A contação de história estimula a imaginação, retrata pessoas, lugares, acontecimentos, desejos e sonhos, favorecendo o processo da aprendizagem.

É tipicamente clássico no conto de fadas colocar um drama existencial de forma breve e categórica resumindo todas as situações, com isso, a criança compreende o problema de sua forma mais essencial, pois grandes dramas seria confuso para o entendimento das crianças (MATEUS et al., 2004).

Segundo Pereira (2007) as situações que proporcionam a interação e o contato com materiais escritos, contribuem para a evolução e a aprendizagem da leitura e escrita. Porém, é possível enriquecer ainda mais com as histórias infantis, nas quais os desenhos artisticamente elaborados despertam interesse e prazer. Como exemplo propõe as fantásticas histórias de príncipes, princesas e bruxas que de forma bem lúdica, ensinam a criança que o bem sempre vence o mal, ensina a aceitar o medo, a perdoar, a conhecer o amor e valorizar a amizade.

Em concordância com Regatieri (2008), que infere, ser função do professor buscar estratégias para narração impulsionado o aluno a se aproximar dos livros de forma agradável e mesmo quando estas crianças são agitadas por natureza e mantém a atenção por pouco tempo, compete ao docente utilizar uma boa técnica não só para prender a atenção das crianças, mas também, enriquecer o trabalho com a literatura, pois sempre será mais eficaz contar a história do que ler.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento infantil se dá num processo criado pela própria criança a partir das interações que vivencia, sendo assim, a literatura infantil, em especial, a contação de histórias na Educação Infantil, como atividade interativa e pedagógica mediada pelos professores que contribui para este desenvolvimento.

Compreendeu-se que a contação permite ao educador narrar contos passados de geração em geração, fortalecendo a cultura, a história e os valores socioemocionais. Estimulando ainda, a improvisação, criatividade e imaginação, adequando a narrativa à idade das crianças e cenário em que estão inseridas. Essa atividade também permite maior interação e contato visual, aprimorando os laços e as relações humanas.

Além disso, a história permite o contato das crianças com o uso real da escrita, levando-as a conhecerem novas palavras, a discutirem valores como o amor, família, moral e trabalho, e a usarem a imaginação, desenvolver a oralidade, e o pensamento crítico, auxiliam na construção de identidade do educando, seja esta pessoal ou cultural, melhoram seus relacionamentos afetivos interpessoais e abrem espaço para novas aprendizagens nas diversas disciplinas escolares, pelo caráter motivador da criança.

Por fim, expõe-se que em resposta a questão de falta de formação de professores para tornarem-se contadores de história eficazes, deve receber atenção das unidades escolas, das políticas públicas e cabe salientar também, que há uma parcela de responsabilidade atribuída aos professores, que devem buscar a capacitação adequada e valorosa a bem de uma educação de qualidade.

Com esse trabalho, mostrou-se a grande importância que a contação de histórias tem no desenvolvimento das crianças desde os primeiros momentos de sua vida educacional. E espera-se que os conhecimentos aqui apresentados possam contribuir com acadêmicos e educadores que tenham interesse em contar cada vez mais, histórias em sala de aula.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

BREDAN, B. M. **A arte de cantar e contar histórias**: narrativas orais e processos criativos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

CUNHA, G. D. A importância da contação de história e da leitura em voz alta para crianças em fase de alfabetização. **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, v. XVII, n. 6, 2013.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MATEUS, A. N. B. et al. A importância da contação de história como prática educativa na educação infantil. **Pedagogia em Ação**, v. 5, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/8477>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

PEREIRA, M. S. A importância da literatura infantil nos anos iniciais. **Revista Eletrônica de Ciências da Educação**, Campo Largo, v. 6, n. 1, jun. 2007.

RACHID, L. O que falta na formação de professores da educação infantil? **Revista Educação**. Edição 271, outubro, 2019. Disponível em: <<https://revistaeducacao.com.br/>> Acesso: 16 out. 2020

REGATIERI, Lazara da Piedade Rodrigues. Didatismo na contação de histórias. **Em Extensão**, Uberlândia, Uberlândia, v. 7, n. 2, p. 30-40, 2008.

SISTEMA DE ENSINO POSITIVO. **Quais os principais desafios do professor da educação pública?** Blog Aprende Brasil. 2018. Disponível em: <<http://sistemaaprendebrasil.com.br/noticias/quais-os-principais-desafios-do-professor-da-educacao-publica/>>. Acesso em 15 out. 2019.

SOUZA, L. O. de; BERNADINO, A. D. A contação de história como estratégia pedagógica na educação infantil e ensino fundamental. **Educare et Educare**, v. 6, n. 12, p. 235-249, jul./dez. 2011.

VALLEJO, J. M. B. **Escola Aberta e Formação de Professores**. Tradução de Orlando dos Reis. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.